

EXPERIÊNCIAS, SABERES E FAZERES: POSSIBILIDADES DE ARTICULAÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E CULTURAS LOCAIS

EXPERIENCES, KNOWLEDGE AND MAKINGS: POSSIBILITIES
OF ARTICULATION BETWEEN THE UNIVERSITY AND
THE LOCAL CULTURES

O poeta só é universal se cantar a sua aldeia.
Tolstoi

Cleusa Maria Gomes Graebin^()*
*Rejane Silva Penna^(**)*

RESUMO

Em tempos de globalização, a percepção da diluição das fronteiras culturais entre o local e o global, constituídas de temporalidades múltiplas, nas quais o novo e o velho coexistem, provoca um questionamento: qual o papel social da universidade no reconhecimento e valorização das culturas locais? Para responder a esta questão, apoiamos-nos em pesquisas aplicadas e experiências que realizamos no recorte espacial do UNILASALLE (RS), instituição da qual fazemos parte. Essas têm como temas, as dinâmicas culturais locais e memória social. Organizamos o artigo, abordando, em primeiro lugar, as culturas locais como campo do conhecimento e, após, explicitamos as relações que a universidade desenvolve com as mesmas.

PALAVRAS-CHAVE: Culturas locais. Universidade. Memória.

ABSTRACT

In times of globalization, the perception of the dilution of cultural frontiers between the local and the global, constituted of multiple temporalities, in which the new and the old coexist, it provokes a questioning: what is the social role of the university in the recognition and valuation of the local cultures? To answer this question, we support in the applied research and experiences that we performed in the spatial cutout of UNILASALLE (Rio Grande do Sul

(*) Doutora em História (UNISINOS); pesquisadora e professora do curso de História do UNILASALLE; coordenadora do Museu e Arquivo Histórico La Salle; membro do Conselho Municipal de Cultura de Canoas; pesquisadora associada ao Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. Pesquisa História Local, História Oral, Museu e Educação; Festas e Celebrações (apoio CNPQ/FAPERGS). Endereço: Rua Edgar Fritz Muller, 657, B. Rio Branco, Canoas, RS. 92200-610. E-mail: cleusagr@terra.com.br

(**) Doutora em História (PUCRS); pesquisadora e professora do Mestrado em Educação e do curso de História do UNILASALLE; membro do Conselho Municipal de Cultura de Canoas; Historiógrafa do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. Pesquisa História Local, Migrações e História Oral. Endereço: Rua Eng. Alfredo Correa Daudt, 125/301, B. Boa Vista, Porto Alegre, RS 90480-120. E-mail rejane@unilasalle.edu.br

State), institution to which we belong. These ones have as themes the cultural dynamics and social memory. We organized the article, approaching, in first place, the local cultures as a field of knowledge and, afterwards, we explicit the relations that the university develops with these cultures.

KEYWORDS: *Local Cultures. University. Memory.*

INTRODUÇÃO

Em *A Cultura do Dinheiro*, Jameson (2001) discute o papel da cultura na contemporaneidade, sugerindo a coincidência entre economia e cultura no estágio atual da globalização, quando a internacionalização das relações entre os grupos humanos, intensificada após a Segunda Guerra Mundial, passa a representar mudanças que ultrapassam a ótica comercial e econômica. Jameson aponta para a incorporação de valores de mercado pela cultura e a redução do seu potencial político ao exercício de práticas de escolhas ligadas ao consumo.

Os efeitos dessas mudanças não se apresentam de forma homogênea. Ao contrário, assumem formas peculiares, de acordo com a historicidade de cada local, compondo um quadro aparentemente contraditório ou incompreensível, caso abduquemos da necessidade de compreensão do invisível no cotidiano — o imaginário social —, o que significa apreender uma realidade, investigando sua dupla dimensão objetiva e subjetiva. Segundo Teves (2002), dentro desse imaginário é que são produzidos os sentidos que permitem a regulação de comportamentos, de identificação e distribuição de papéis sociais, constituindo-se de narrativas em um campo semântico e sua rede de sentidos, ligando os significantes (símbolos) aos significados (representações, ordens, etc.).

O reconhecimento da importância de integrar o imaginário social nos estudos sobre os processos de modernização e seus impactos sobre as comunidades está diretamente ligado à forma como entendemos a cultura, conceito tradicionalmente centrado no desenvolvimento das artes e na conservação do patrimônio. Em um sentido mais abrangente, referir-se à cultura implica em penetrar no universo de objetos, instituições, fazeres, saberes, relações e competências, no qual as fronteiras entre o que é político, econômico ou social não se encontram claramente delimitadas. Isso demanda em incluir cultura como tudo aquilo que pode ser apreendido e que tem sentido na vida social. Mas os significados culturais ficam confusos com a aceleração de aconteci-

mentos, quando são rompidos os limites de tempo e espaço através das novas tecnologias que nos colocam em contato com diversos pontos do planeta. As distâncias são encurtadas, há interferência nas formas de interpretação da sociedade e o mundo é reconfigurado, tornando-se transnacional.

A convivência contemporânea, possibilitada por esta época, indica uma verdadeira compressão espaço-temporal, em que as qualidades objetivas do espaço e do tempo se transformam, a ponto de nos forçarem a alterar, às vezes radicalmente, o modo como representamos o mundo para nós mesmos [...] Os meios de comunicação contemporâneos têm uma intensa participação nesse processo. A TV, por exemplo, associada com a comunicação por satélite possibilita a experiência de uma enorme gama de imagens vindas de espaços distintos quase simultaneamente, encurtando as distâncias dos espaços do mundo. (MANCENO, 2002, p. 291)

Neste movimento, ao mesmo tempo em que a globalização se instala, as culturas locais diluem-se ou passam por revalorização, quando as diversidades afloram e se impõem. Se por um lado o mundo é global, por outro, é local, com ritmos diferenciados. A grande dificuldade é que esses tempos apresentem-se simultaneamente. Então, o evento, a rápida transformação, mesmo a revolução, não são rupturas que tudo alteram, pois lentamente é que se modificam hábitos, práticas cotidianas, certos atavismos que resistem a toda novidade.

Estas reflexões, a percepção da diluição das fronteiras culturais entre o local e o global, permeadas de temporalidades múltiplas, em que o novo e o velho coexistem em torno de princípios como igualdade e emancipação e o local de onde falamos, ou seja, uma instituição de ensino superior, colocaram-nos ante um questionamento: qual o papel social da universidade no reconhecimento e valorização das culturas locais?

Para responder a essa questão, apoiamo-nos em pesquisas aplicadas e experiências geradoras de inserção social¹ realizadas no recorte espacial (cidade de Canoas-RS) onde está inserida a instituição a qual integramos — o Centro Universitário La Salle. Essas pesquisas nos levaram a participar ativamente

¹ A reflexão sobre o tema surgiu a partir das experiências de ensino e pesquisa com as quais nos deparamos no Unilasalle e a nossa participação como membros do Conselho Municipal de Canoas, no qual atuamos na Comissão de Patrimônio Histórico. Todas se relacionam, de uma forma ou de outra, às dinâmicas culturais locais.

da vida e das especificidades culturais locais e, ao mesmo tempo, remeteram para a leitura do papel social² da universidade que, ao produzir e disseminar conhecimentos científicos, tem de estar atenta à relação necessária e contraditória com as culturas locais.

Também, essas experiências levam os alunos, com sua inserção nos grupos de trabalho, a se depararem com realidades que as técnicas aprendidas nos bancos acadêmicos nem sempre auxiliam a compreender. Então, quando a universidade propicia que aqueles venham conviver com as comunidades e culturas locais, está colaborando de forma eficaz para “promover o reconhecimento de outras formas de saber e o confronto comunicativo entre elas” (SANTOS, 1997, 224), bem como os leva a refletir sobre o conhecimento e as diferentes formas de uso e aplicação do mesmo.

Explicitando nossas reflexões sobre a relação universidade-culturas locais, organizamos o artigo em dois segmentos: em primeiro lugar, abordamos a questão das culturas locais, para depois analisar as relações que o Unilasalle desenvolve com as mesmas por intermédio de pesquisas aplicadas.

1. AS CULTURAS LOCAIS COMO CAMPO DE CONHECIMENTO

As reflexões contemporâneas ultrapassam o conceito de cultura como um elemento imutável, legado de geração para geração como um todo homogêneo, para a compreensão de que aquela é produzida historicamente, sendo, portanto, uma construção que se inscreve na história das relações dos grupos sociais entre si (CUCHE, 2002, p. 143).

Essa concepção nos remete à Sapir (apud CUCHE, 2002) que considerou a cultura como um sistema de comunicação no qual indivíduos de um dado grupo comunicam entre si um conjunto de significações. Dessa forma, em vez de defini-la, enfatiza-se a análise dos processos da sua elaboração, quando, além de descrever as interações entre os indivíduos de um grupo e os seus efeitos, analisa-se o contexto no qual as mesmas se dão, pois,

² Entendido aqui como o compromisso que a universidade mantém com a sociedade onde está inserida, o qual deve ser expresso por meio de ações e atitudes que a afetem positivamente de modo amplo, ou a alguma comunidade, de modo específico, agindo no sentido de contribuir para a melhoria da qualidade de vida de indivíduos e grupos sociais.

[...] cada contexto impõe as suas regras e suas convenções, supõe expectativas particulares entre os indivíduos. A pluralidade dos contextos de interação explica o caráter plural e instável de todas as culturas e também os comportamentos aparentemente contraditórios de um mesmo indivíduo que não está necessariamente em contradição (psicológica) consigo mesmo. Por esta abordagem, torna-se possível pensar a heterogeneidade de uma cultura ao invés de nos esforçarmos para encontrar uma homogeneidade ilusória (CUCHE, 2002, p. 106-107).

A partir desses pressupostos, entendemos então que, em primeira instância, os indivíduos, em interação uns com os outros, constroem a cultura do grupo. Esta construção é datada e espacializada. Namer (apud TEDESCO, 2004 p. 176), informa que “[...] não há, com efeito, grupo, nem gênero de atividade coletiva, que não tenha relação com um lugar, isto é, com uma parte do espaço”.

Nesse sentido, a eleição de um local específico não implica uma simplificação do número de variantes e aspectos da trama social. O local, alçado em categoria de análise, pode vir a constituir uma nova densidade no quadro das interdependências entre agentes e fatores pertinentes a determinadas experiências históricas, então eleitas pela lupa do pesquisador (REZNIK, 2005.) Ao eleger o local como circunscrição de análise, como escala própria de observação, não se abandonam as margens, os constrangimentos e as normas que, regra geral, ultrapassam o espaço local ou circunscrições reduzidas. Sendo assim, o exercício de investigação incide na descrição dos mecanismos de apropriação ou negação daquilo que é exógeno às comunidades locais.

Este espaço, que doravante denominaremos de local, é onde se dá a construção cultural e a sua apropriação pelos indivíduos de determinado grupo. É neste âmbito que construímos as nossas identidades através de todo um conjunto de processos diversificados de apropriação cultural. O local, então, é um espaço de identidade e de cultura, construído socialmente, que foi dando lugar, mediado pela história e pelas práticas culturais, aos sentidos de identificação, pertencimento e diferença que experimentamos. Nele, as pessoas compartilham determinadas maneiras de sentir, experimentar e vivenciar aquilo que consideram como *próprio*: crenças, ritos, língua, objetos, música, enfim, todo um complexo mundo de comportamentos, relações e representações,

significando a capacidade específica do indivíduo em sintetizar a realidade observada com base em sua inscrição histórica, étnica, racial, social, sexual.

Segundo Tedesco, “a localidade é o lugar privilegiado onde se exprime o movimento social e se redefinem as relações sociais...” (1999, p. 16). Neste sentido, a cultura é local porque está localizada num território³, porque é compartilhada subjetivamente por uma dada comunidade e se constitui em “uma relação estreita entre o território e a memória coletiva” (MAFFESOLI, 1987, p. 190), revelando os laços entre o cotidiano e o espaço. Este autor informa que grupos étnicos, corporações, tribos diversas, bairros, enfim, todos os agrupamentos humanos se organizam em territórios (reais ou simbólicos), partilhando mitos, crenças e valores. Assim, de acordo com Maffesoli, “é no território que se localiza a potência da sociabilidade, de um povo que preserva e se preserva em seu espaço” (1987, p. 172). É no local, ou seja, no espaço vivido no cotidiano que são “[...] mais visíveis as práticas estratégicas dos diferentes atores[...]”. (BECKER, 1988, p. 109).

No entanto, o micromundo constituído pelo local não é um todo fechado. Suas fronteiras externas e seus limites interiores não são claramente definidos. Este território é, ao mesmo tempo, restrito e aberto, concêntrico e descentralizado, conforme aponta Tedesco:

[...] o lugar/local é um microcosmo que continua a viver [...] a vida local é um processo onde a mudança e a penetração da modernidade se fazem de maneira diferenciada, tendo em conta os valores do território, seus usos, a configuração de conflitos sociais, de atividades culturais ligadas ao passado local, ao dinamismo dos grupos sociais presentes, à herança produtiva e cultural (1999, p. 165).

Acreditamos que o dinamismo dos grupos sociais, agindo nos espaços que os cercam, faz que a cultura seja dinâmica, construindo-se e reconstruindo-se na interação dos indivíduos entre si, sendo reinterpretada e reordenada nos quadros de sua nova noção. Portanto, as culturas locais, assim como as identidades que as sustentam e as configuram, não podem ser consideradas como estáticas ou isoladas. São passíveis de modificações, de usos por indivíduos ou grupos

³ Território é entendido aqui como espaço afetivo-existencial, oferecendo para um grupo, como lugar, um ponto de referência, uma âncora. Para Maffesoli território trata-se de um estar-junto sensível (1987).

que estão no poder para seus rituais de conservação, podendo ser reconstruídas ou reinventadas com base nas exigências de grupos sociais ativos.

O processo de interação entre cultura e educação, no qual se fazem constantes a reprodução e a recriação de significados e sentidos, é fundamental para a preservação, dinamização e valorização das culturas locais. Os olhares que dirigimos ao outro, as ações que o auxiliam a se integrar ou que o excluem das comunidades culturais locais são configurados por processos educativos engendrados por instituições como família, escola, universidade, comunidade, entre outras. A partir destes processos, somos alfabetizados para as relações sociais e capacitados para atuar, como cidadãos conscientes, responsáveis e criativos, na vida comunitária local e em outras instâncias relacionais.

2. A UNIVERSIDADE ARTICULANDO CONHECIMENTOS E EXPERIÊNCIAS POR INTERMÉDIO DE PESQUISAS SOBRE CULTURAS LOCAIS

Nossa reflexão coloca a universidade como espaço plural onde os saberes vividos e praticados são articulados com o conhecimento científico (herdado e construído). Nesse sentido, a memória, a história e as culturas locais contribuem para a reinvenção das práticas educativas, tornando a universidade um lugar de inclusão e de compartilhamento de práticas culturais diversas, como mediadora no processo de conservação e atualização da diversidade cultural e como instituição na qual a cultura não esteja sendo considerada com as regras do mercado, ou seja, com critérios de utilidade.

O reconhecimento das culturas locais pela universidade significa, portanto, desvelar o processo de construção dos saberes que dão sentido ao cotidiano de indivíduos e grupos. A socialização destes conhecimentos é ato ao mesmo tempo recriador e ressignificador da prática educativa e da universidade como espaço-tempo de auto-conhecimento e lugar de conscientização cultural e política, respectivamente.

A seguir, sintetizamos experiências, enfocando a relação universidade/culturas locais a partir da participação nos projetos de pesquisa, “Canoas – para lembrar quem somos” e “Festas de origem açoriana no Rio Grande do Sul” (subprojeto O Terno de Reis em Canoas).

2.1 UM OLHAR SOBRE A CIDADE: CANOAS – PARA LEMBRAR QUEM SOMOS

Um olhar sobre a cidade de Canoas informa que ela se constituiu em um dos maiores aglomerados urbanos do Rio Grande do Sul, transformando sua configuração com uma velocidade vertiginosa. Mas, nesse processo de substituição, desaparecem muitos dos testemunhos físicos e culturais de sua história. Entretanto, a perda não é total e definitiva, já que, por mais imateriais que sejam esses testemunhos e difícil e problemática que se apresente sua preservação, os modos de ser são bens culturais transmissíveis de geração para geração e, por esta e outras razões, fazem parte do patrimônio das comunidades (PENNA; GAYESKI; CORBELLINI, 2005).

Pensando nisso, em 1994, o Unilasalle (naquele momento Centro Educacional La Salle de Ensino Superior), através de grupo de pesquisadores, articulou o projeto “Canoas para lembrar quem somos”, a partir de parceria firmada com a Prefeitura Municipal de Canoas, visando a pesquisar, publicar e distribuir as obras sobre a história dos bairros da cidade.⁴

Executou-se o projeto com inscrição na dimensão sócio-cultural, na medida em que a filosofia e missão da instituição, bem como os pesquisadores, consideraram que a cultura, o fazer cultural, constitui a própria vida das pessoas e seu instrumento de mudança. E pensar em cultura como dimensão fundamental do exercício da cidadania é estimular a reflexão da comunidade sobre seu presente como implicação de seu passado, de modo dinâmico e efetivo, não apenas pela contemplação passiva ou pela fruição saudosista de manifestações ou expressões culturais.

Procurou-se aplicar essa concepção ao projeto “Canoas para lembrar quem somos”, com o fim de investigar o papel desempenhado pela comunidade na construção da cidade e verificar de que forma as pessoas se identificavam, nos diversos processos desencadeados que resultaram na atual forma político-econômico-social de Canoas. Efetivando a proposta, realizou-se um levantamento dos núcleos urbanos que integravam Canoas e escolheram-se as

⁴ Até o ano de 2006, foi reconstruída a história de alguns dos bairros e publicados os volumes: Rio Branco, Niterói, Centro, Mathias Velho, Guajuviras, Estância Velha, Igara, São Luís e São José, Mato Grande e Nossa Senhora das Graças, sendo que os três primeiros estão em sua segunda edição.

localidades, de acordo com os critérios de antigüidade, mobilização comunitária, dinamicidade histórica e importância estratégica.

Para delinear-se um perfil do que era existir e morar na cidade, trabalhou-se com diferentes fontes, como as orais, iconográficas e documentação pública, sem abdicar das consultas à bibliografia e a imprensa local. O período abordado obedeceu à história e diversidade de cada bairro, bem como a injunções de ordem prática, porquanto a documentação que se pretendia utilizar, correspondências, comunicações e transcrições dos anais da Câmara de Vereadores estava disponível apenas a partir da década de 1950, estando o restante perdido devido a um incêndio. Essas fontes foram utilizadas no sentido de acompanhar como o poder público recebeu e encaminhou as questões relevantes às comunidades. Também, foram selecionados documentos que referissem a Canoas em geral, com possíveis implicações na localidade pesquisada, uma vez que o bairro foi considerado sempre como pertencente a uma estrutura maior — a cidade — que, por sua vez, se articulava dentro da dinâmica mais geral do processo de produção e reprodução capitalista.

As fontes orais foram utilizadas no sentido de contribuir para a discussão da história da cidade, integrando o ser humano vivo como fonte privilegiada, por intermédio de entrevistas semi-estruturadas em eixos temáticos. Tomou-se o cuidado de diversificar o tipo de depoente para abranger a multiplicidade típica de um bairro. Entrevistaram-se, além do cidadão comum, várias personalidades políticas da cidade. Estas tiveram participação decisiva na configuração de Canoas, pois ocuparam, em determinado momento de suas vidas, cargos que as tornavam aptas a executar ações efetivas. Entretanto, mesmo levando em consideração que suas participações na cena pública as tornavam narradoras privilegiadas em nível de informações, não foram consideradas por este motivo menos libertas dos mecanismos de produção e reprodução da memória que se relacionou aos demais moradores. Resumindo: não se hierarquizou os discursos como menos ou mais válidos para apreender o passado.

Com a continuidade do projeto, a partir de 2007 a equipe coordenadora do mesmo (da qual fazem parte as autoras deste trabalho), promoveu encontros com representantes das instituições de memória locais, os quais, no contato personalizado com moradores da cidade, instituições escolares e outros atores usuários das obras, produtos do projeto em questão, transmiti-

ram informações valiosas no sentido de se elaborar diagnóstico que orientasse o trabalho com os novos espaços a serem pesquisados. Tais fatos somados a pedidos da população cujos bairros não foram inicialmente elencados para realização da pesquisa, estimularam-nos a rever critérios de seleção dos espaços a serem investigados, fazendo que a abrangência se ampliasse de modo a atender tais solicitações. Dentro desse novo propósito, o objetivo é de, ao término do Projeto, termos pesquisado todos os bairros de Canoas.

O alcance desse trabalho junto aos diversos atores, ou seja, indivíduos, grupos sociais, instituições e comunidades locais, tem sido percebido pela receptividade dada aos pesquisadores, através das colaborações em forma de disponibilidade para entrevistas, doações de documentos escritos e imagéticos e procura pelas obras editadas. A distribuição destas dá-se em diferentes instâncias: para bibliotecas escolares, bibliotecas de instituições de ensino superior, arquivos e museus e, individualmente, para moradores dos bairros. Nas grandes festas realizadas pelo poder público, em comemoração às datas especiais do calendário cultural do município, o Unilasalle faz-se presente a partir de serviços prestados para os participantes. Um dos estandes mais visitados é aquele no qual se disponibiliza os livros com a história dos Bairros. Ao ver amigos, parentes, ou até a si mesmo como agentes importantes no processo histórico, o indivíduo percebe-se compartilhando códigos, vivências e experiências, com outros atores com capacidades e interesses distintos e até mesmo, opostos aos seus, entendendo-se, assim, como parte integrante e atuante de uma mesma totalidade.

2.2 TERNO DE REIS DA VILA SANTO OPERÁRIO: OBJETO DE MEDIAÇÃO NA INSERÇÃO SOCIAL DE MIGRANTES

A descoberta da existência de Terno de Reis na celebração do Natal em Canoas deu-se a partir da pesquisa “Festas de origem açoriana no Rio Grande do Sul”, desenvolvida⁵ com o apoio do Unilasalle, CNPq e Fapergs. A primeira constatação que fizemos foi a profunda relação entre a migração de famílias do interior do Rio Grande do Sul para Canoas e a criação do Terno na Vila

⁵ Coordenada por Cleusa Maria Gomes Graebin com o auxílio dos bolsistas Bruna Clave Eufrásio (UnilasalleFapergs), Jairton Ortiz da Cruz (Unilasalle) e da Profª. Caroline Andréia Raimundo cujo trabalho de conclusão do Curso de História (Unilasalle) teve como título Terno de Reis: a invenção da tradição em Canoas.

Santo Operário, Bairro Mathias Velho.

Canoas é marcada pelo crescente número de ocupações em áreas irregulares, sendo o bairro Mathias Velho o que concentra índices de moradores instalados em zonas inadequadas. Palavras do ex-prefeito de Canoas, Carlos Lourenço Giacomazzi⁶, em entrevista para o projeto “Canoas - para lembrar quem somos: Mathias Velho”, informavam sobre o problema migratório que assolava a cidade de Canoas entre os anos 1970/1980:

[...] Foi aquela fase de migração violenta do homem do campo para os grandes centros. [...] Então a migração para cá foi algo fantástico porque contavam aquelas histórias que Canoas era uma medalha de ouro que tinha um só verso, não tinha dois! Eles mostravam só o bom. O pessoal aqui chegava não encontrava emprego, não tinha moradia. [...] Invadiram a Santo Operário um ano e pouco antes de eu assumir a Prefeitura. (PENNA, 2000, p. 80)

A Vila Santo Operário, da qual trata Giacomazzi, originou-se da ocupação das terras do antigo Jóquei Clube de Canoas. Era espaço dado a alagamentos e os primeiros ocupantes não tinham acesso a água, esgoto e luz elétrica. A ocupação foi realizada de forma organizada, com uma comissão dos já estabelecidos que recebiam os novos moradores, mantendo traçado das ruas, organizando desta forma o “futuro loteamento”, mesmo sob a repressão promovida pelas autoridades municipais e estaduais, bem como as constantes ações do aparato policial⁷.

Ao mesmo tempo, no cotidiano dava-se a luta das famílias ocupantes da Vila pela sobrevivência, reconstruindo suas vidas e rearticulando identidades. Aqui nos apoiamos em Hall (2000) quando discute a vinculação das discussões sobre identidade aos processos de migração (neste caso livre) que tem se tornado um fenômeno presente no mundo contemporâneo e, neste caso, em Canoas até os dias atuais.

Foi naquele momento de intensas negociações, de utilização de estratégias de resistência e de acomodações, que um grupo de pessoas, constituído

⁶ Gestão entre 1/1/1986 - 31/12/1988.

⁷ Em Penna (2000), podem-se ler os relatos dos ocupantes da Vila Santo Operário sobre a atuação da polícia militar, nas diversas ações de despejo movida contra aqueles.

por membros de uma mesma família — os Flores⁸ — iniciaram negociação com os rumos de sua vida na Vila, focalizando, em nosso entender, as questões: Quem viremos a nos tornar? Como somos representados? E como isto nos afeta?

Hall afirma que a construção de identidades deve ser compreendida como “[identidades] produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas” (2000, p. 109). Então, foi em meio às privações decorrentes da situação ilegal da ocupação de terras, às lutas pela conquista da cidadania e sendo representados por diferentes indivíduos, grupos sociais e instituições como “invasores” e “desordeiros”, que os membros da Família Flores decidiram retomar a celebração da qual participavam no seu local de origem (Barros Cassal), ou seja, o Terno de Reis.

Maria Noeli Flores Borges (2006) testemunha que a criação do Terno foi “pra resgatar a cultura, que é uma cultura que existe mais para o interior e pra reunir também as famílias [da Vila Santo Operário], que a gente iniciou com as famílias do interior que já conheciam [o Terno de Reis]”. A união das famílias em torno desta celebração e a criação da Associação Terno de Reis deu início, entre outros fatores, à mudança do olhar dos demais habitantes do Bairro Mathias Velho e das autoridades sobre os moradores da Vila Santo Operário. Adão Flores (2006) rememora a primeira vez em que o Terno foi celebrado:

Eu não esqueço que logo que a gente começou a cantar, que nós viemos da Florianópolis [rua do Bairro Mathias Velho], dá para ver que até os policiais estavam a nosso favor; eles alcançaram nós e continuaram meio devagar e fizeram continência para nós por causa da Bandeira do Divino, que nós trazíamos junto. Eu nunca vou esquecer isso aí. [...] todo mundo respeita por causa da Bandeira do Divino.

Ao “dezenraizamento”⁹, os moradores da Vila, opuseram a união em torno de uma celebração que lhes resgatou sentimentos de pertencimento

⁸ São oriundos do interior do Estado do Rio Grande do Sul, da cidade de Barros Cassal. O casal e seus oito filhos chegaram a Canoas (RS) no ano de 1975.

⁹ Ecléa Bosi (1981), afirma que: “O desenraizamento é uma condição desagregadora da memória [...]. Entre as famílias mais pobres a mobilidade extrema impede a sedimentação do passado, perde-se a crônica da família e do indivíduo em seu percurso errante. Eis um dos mais cruéis exercícios de opressão econômica sobre o sujeito: a espoliação das lembranças.”

e vínculos afetivos. O estudo deste caso desvelou-nos, como coloca Revel (1988), as formas pelas quais indivíduos ou grupos, no interior de uma configuração dada, constituem e refazem identidades coletivas.¹⁰ O Terno de Reis foi o objeto de mediação encontrado para que os migrantes vivenciassem, de maneira menos sofrida, a inserção em um mundo novo. No aconchego do vivido, do já experienciado, deu-se a aproximação com o “outro”. Assim, os moradores da Vila Santo Operário aprenderam a lidar com as diferentes situações surgidas no seu cotidiano e passaram a construir um espaço vital com novas pessoas significativas. Entre outros, o Terno de Reis serviu como moeda de troca, estreitando laços e possibilitando a comunicação.

O Terno de Reis de Canoas incorporou elementos novos, ou seja, a Bandeira do Divino e a grande refeição partilhada pela comunidade, presentes na celebração em honra ao Espírito Santo. Foi instituído uniforme para os seus membros, pois conforme Adão Flores (2006), os cantadores seriam “mais bem identificados e o grupo seria mais organizado”, e criada a Associação, para cuja sede os moradores da Vila acodem nas datas de apresentação do Terno. Tendo em vista o índice de criminalidade no local, atualmente, são evitadas as visitas noturnas às casas, concentrando-se as festividades na Associação.

Houve assim, uma atualização do Terno, que remete às antigas tradições, apropria-se de ritos e códigos de outras celebrações, adaptando-se ao contexto e garantindo “outro olhar” da população do Bairro Mathias Velho para os moradores da Vila. Quanto a isto, Evandina Varela Padilha¹¹ (2006) diz:

[...] eu só sei que aqui na Mathias o povo [Terno da Santo Operário] é bem conhecido, porque cada vez que eles passam, eles cantam de longe, se vê eles cantando, aí, toda a vizinhança sai pra rua escutar[...] festa muito linda, muito linda mesmo, a gente não esperava, e todos os anos assim que eles vêm, é assim, óh, mesmo a gente sabendo que eles vão chegar, é uma surpresa pra gente, é a coisa mais linda que eles inventaram aí, né, foi o Terno de Reis [...].

¹⁰ A festa pode ser a força aglutinadora dos cotidianos dispersos. O espaço em que esta se realiza, é, também, um espaço plural, permitindo a emergência de múltiplos mecanismos promotores de sociabilidade. Ali, as pessoas se encontram, novas relações são iniciadas e até negócios são firmados. É um tempo de se mostrar, de comunicar algo, além do próprio momento de confraternização (GRAEBIN, 2006).

¹¹ Moradora do Bairro Mathias Velho.

Assim, não mais são “desordeiros” e “invasores de propriedade alheia”, mas arautos do nascimento de Jesus e portadores da Bandeira do Divino. Como bem colocou Adão Flores, “até os policiais estavam a nosso favor [...] e fizeram continência para nós por causa da Bandeira do Divino”.

Embora conhecida no Bairro Mathias Velho, a Associação Terno de Reis até o ano de 2006 não possuía expressividade na cidade como um todo. Adão Flores (2006) dizia que: “não tem muito apoio, até o jornal, os jornais que em todo o ano a gente pede pra fazer uma notinha, às vezes até boicotam a gente, não botam [nada]”. No entanto, com a divulgação da pesquisa e o apoio do Unilasalle, já no Natal de 2006, a Associação teve amplo espaço com matérias nos jornais locais, bem como já foi procurada pela Diretoria de Cultura da Prefeitura Municipal de Canoas para apresentações em diferentes Bairros da Cidade, durante o mês de dezembro de 2007. Adão comenta que “no fim a gente não da[rá] conta de atender muitos compromissos”, tendo em vista as dificuldades para transportar todos os membros do Terno. Vislumbra-se aí, uma nova luta para a Associação.

A TÍTULO DE CONCLUSÃO

A Lei de Diretrizes e Bases de 1996 indica que a educação superior deve proporcionar aos alunos o conhecimento dos problemas mundiais, nacionais e regionais e estimular prestação de serviços à comunidade, o que deve levar as instituições educacionais a estabelecer com essa relações de reciprocidade. Desta maneira, ao ocupar-se do reconhecimento das culturais locais, a universidade estará investindo no diálogo intercultural e na socialização dos conhecimentos por ela produzidos. Com o retorno dos resultados das pesquisas e a apropriação dos mesmos pela comunidade, esta passa a refletir sobre as origens e mudanças por que passou e indivíduos e grupos poderão se reconhecer como elementos fundamentais no processo histórico. Então, a discussão de seu papel na estrutura existente servirá como um dos fatores na tomada de uma posição social consciente e ativa.

Para os acadêmicos, o desenvolvimento de ações dessa natureza terá reflexos positivos notadamente nos cursos, à medida que, retornando a alunos e professores, os resultados das pesquisas estimularão a melhoria da qualidade de ensino e o aprimoramento do espírito acadêmico. A inclusão de alunos

de diferentes cursos, como bolsistas dos projetos, proporciona condições de realização efetiva de uma proposta interdisciplinar e interinstitucional, com possíveis desdobramentos na elaboração de novas ações em conjunto com outras instituições, também interessadas em integrar a pesquisa como dimensão fundamental de suas propostas de ensino.

Para o poder público, a inserção como apoiador de projetos de pesquisa que focalizam as culturas locais facilita diagnósticos de possíveis problemas, proporciona diálogo com os anseios da comunidade e, ainda, possibilita um olhar mais detalhado sobre a diversidade de Canoas, facilitando medidas preventivas para suprimir dificuldades de diferentes naturezas e contribuindo como elemento importante para a construção de imagem positiva frente à sociedade.

Entendemos, então, com base nas experiências e vivências aqui relatadas, que a universidade, fincando sua ação nas realidades concretas da sociedade, estabelece, por meio de trabalho social investigativo e interativo, relações com diversos atores. Isso lhe permite reconhecer possibilidades e limites, a fim de se colocar crítica e criativamente, através de mediações políticas e institucionais, nos processos de construção de protagonismo local¹² e empoderamento das comunidades circunscritas ao seu espaço de ação.

REFERÊNCIAS

BECKER, Bertha K. A geografia e resgate da geopolítica. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro: IBGE, n.50, t.2, p 99-125, 1988.

BOSI, Ecléa. *Memória de Velhos*. São Paulo: Edusp, 1981.

CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas Ciências Sociais*. 2. ed. Bauru: Edusc, 2002.

GRAEBIN, Cleusa M. G. Na trama do cotidiano: histórias de vida de mulheres de descendência luso-azoriana. In: Paiva, Sérgio Rosa de. *Mulheres do Rio Grande do Sul: diversidade*. Porto Alegre: Sferasrp, 2006.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Educação e Realidade*, Porto Alegre: UFRGS, v. 22, n. 2, p. 15-46, 1997.

JAMESON, Frederic. *A cultura do dinheiro*. Petrópolis: Vozes, 2001.

¹² Segundo Paula (2004, p. 78), protagonismo social é o “fenômeno pelo qual os agentes locais se reconhecem como sujeitos do seu próprio destino. Tornam-se atores sociais. Logo, trata-se de um processo de “empoderamento” de ampliação da esfera pública, de transformação nas relações entre sociedade, mercado e Estado.

- MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos*. Rio de Janeiro: Forense, 1987.
- MANCIBO, Deise. Globalização, Cultura e Subjetividade: Discussão a Partir dos Meios de Comunicação de Massa. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Set-Dez 2002, Vol. 18 n. 3, p. 289-295.
- PAULA, Juarez de. Territórios, Redes e Desenvolvimento. In: BRAGA, Christiano; NORELLI, Gustavo; LAGES, Vinicius Nobre (orgs.). *Territórios em movimento: cultura e identidade como estratégia de inserção competitiva*. Rio de Janeiro: Relume Demará/ Brasília: SEBRAR, 2004.
- PENNA, Rejane; GAYESKI, Miguel; CORBELINI, Darnis. *Rio Branco (Canoas – para lembrar quem somos)*. 2. ed. Canoas: Gráfica e Editora La Salle, 2005.
- PENNA, Rejane; GAYESKI, Miguel; CORBELLINI, Darnis. *Mathias Velho (Canoas – para lembrar quem somos)*. Canoas: Gráfica e Editora La Salle, 2000.
- REVEL, Jacques. Microanálise e construção do social. In: REVEL, Jacques. *Jogos de escalas. A experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1988, p.15 a 38.
- REZNIK, Luiz (apresentação na coordenação do Simpósio História Local). Anais do XXIII Encontro Nacional de História, julho/2005. ANPUH.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela mão de Alice - o social e o político na posmodernidade*. São Paulo: Cortez, 1997.
- TEDESCO, João Carlos. Lógica empresarial e dinâmicas familiares: o global e o local nas relações de trabalho pluriativas na região. In: *História: debates e tendências*, v.1, n.1, p.155-182, junho de 1999.
- TEVES, Nilda. Imaginário social, identidade e memória. In: FERREIRA, Lucia. *Linguagem, identidade e memória social - novas fronteiras, novas articulações*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

Fontes orais

Entrevistas realizadas com consentimento informado, em novembro/2006, nas residências dos depoentes.

Maria Noeli Flores Borges. Presidente da Associação Terno de Reis de Canoas. Funcionária do SINE-Canoas. Moradora da Vila Santo Operário.

Adão Flores. Mestre do Terno de Reis. Comerciante. Morador da Vila Santo Operário.

Evandina Varela Padilha. Moradora do Bairro Mathias Velho, Canoas, RS.